

The pain you feel today
is the strength you feel
tomorrow. For every
challenge encountered
there is opportunity
for growth...

Twisted

PLAY

POPPY JACOBSON

JOGOS PERVERSOS

JOGOS CRUÉIS

LIVRO 1

POPPY JACOBSON

OCEANOPDF.COM

*Para as garotas que querem ser
humilhadas, elogiadas e sufocadas como a
linda
putinha bonita que eu sei que
você pode ser, gata, eu te
peguei.*

Essa é minha garotinha.

OceanofPDF.com

ÍNDICE

[Nota do autor](#)

1. [Eva](#)
2. [Aleksandr](#)
3. [Eva](#)
4. [Interlúdio](#)
5. [Cole](#)
6. [Eva](#)
7. [Interlúdio](#)
8. [Tristan](#)
9. [Eva](#)
10. [Interlúdio](#)
11. [Cole](#)
12. [Eva](#)
13. [Tristan](#)
14. [Interlúdio](#)
15. [Aleksandr](#)
16. [Eva](#)
17. [Tristan](#)
18. [Cole](#)
19. [Eva](#)
20. [Cole](#)
21. [Eva](#)
22. [Aleksandr](#)
23. [Eva](#)
24. [Eva](#)
25. [Tristan](#)
26. [Cole](#)
27. [Aleksandr](#)
28. [Interlúdio](#)
29. [Eva](#)
30. [Tristan](#)

31. Cole
32. Eva
33. Tristan
34. Aleksandr
35. Eva
36. Eva
37. Aleksandr
38. Interlúdio
39. Cole
40. Eva
41. Tristan
42. Eva
43. Tristan
44. Eva
45. Cole
46. Eva
47. Tristan
48. Aleksandr
49. Interlúdio
50. Eva
51. Cole
52. Eva
53. Eva
54. Cole
55. Eva
56. Aleksandr
57. Tristan
58. Cole
59. Interlúdio
60. Eva
61. Tristan
62. Aleksandr
63. Eva

[Agradecimentos](#)

[Também de Poppy](#)

[Jacobson Sobre Poppy](#)

OceanofPDF.com

Copyright © 2025 Poppy Jacobson

Design da capa por Cover Couture

www.bookcovercouture.com

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produto da imaginação da autora ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, eventos ou locais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de forma alguma sem a permissão da editora, exceto conforme permitido pela lei de direitos autorais dos Estados Unidos. Para obter permissão, entre em contato com: poppy@poppyjacobsonbooks.com.

OceanofPDF.com

NOTA DA AUTORA

Jogo Sombrio é um livro sombrio, violento e sexual. É um romance do tipo “por que escolher”, o que significa que a heroína não precisa escolher entre seus interesses amorosos.

É um romance poliamoroso — todos no universo de Poppy são pansexuais, a menos que explicitamente indicado de outra forma.

É um romance sombrio.

Há sexo sem consentimento, traição corporal, chantagem por sexo, abuso de posição de autoridade por sexo, bullying, degradação, diferença de idade, relacionamento entre aluna e treinador, sub drop, falta de autoconfiança corporal, ansiedade por ser gorda, referência a gordofobia fora da página, uma personagem principal com problema cardíaco, alcoolismo, vício em jogos de azar, abuso parental, negligência parental, além de toda a violência, assassinato e caos que você normalmente esperaria em um romance sombrio.

Também há brincadeiras de impacto, brincadeiras de dor, degradação e elogios, somno, exibicionismo forçado, kink de reprodução (mas sem gravidez), além de controle e negação de orgasmo.

Embora haja bondage, disciplina, sadomasoquismo e dinâmicas de Dom e Sub neste livro, ele não é RACK e não serve como modelo para um relacionamento BDSM na vida real.

Se alguma dessas coisas fizer você hesitar, talvez este não seja o livro para você. Mas, se tudo isso parecer incrível, continue lendo. Acho que você vai adorar.

EVA

“PAREM!” EU ME JOGUEI SOBRE OS HOMENS QUE ARRASTAVAM MEU PAI PELA NOSSA

sala de estar, agarrando-me a um braço grosso e tatuado, como se eu tivesse a menor chance de atrasá-los. “Por favor, vocês precisam parar.”

O cheiro azedo de cerveja impregnava as roupas do meu pai, misturando-se ao aroma metálico do seu nariz sangrando — uma combinação familiar que trazia de volta lembranças de noites passadas limpando a bagunça depois das suas bebedeiras, de promessas de que ele se comportaria melhor.

“Eva”, disse meu pai com a voz rouca, cada respiração difícil por causa do nariz quebrado e sangrando. “Não, por favor.”

“Nem a pau que eu não vou!”, — explodi, me recusando a ceder. Passei anos demais vendo ele se destruir, limpando suas bagunças — bagunças que eram *culpa minha* — para vê-lo recuar agora. Meu pai havia desistido de tudo para me salvar. Agora, era a minha vez de salvá-lo.

O homem em quem eu me agarrei me empurrou para trás, fazendo-me voar para o sofá. Seus olhos encontraram os meus, assustadores e frios, como buracos escuros cortando sua pele. “Fica fora disso, garotinha.” A voz dele não era menos cruel por ser baixa.

“O que você quer?”, Eu gritei, embora, no fundo, já soubesse. Tudo sempre se resumia às apostas do meu pai — apostas que ele só havia começado a fazer para pagar meus tratamentos médicos.

A culpa era minha.

Ele bufou e olhou para meu pai, que estava sendo segurado pelos ombros por dois homens enormes. “Você quer contar a ela ou eu conto?”

Meu pai abaixou a cabeça, recusando-se a olhar para mim.

“Pai, o que está acontecendo?” Minha voz se elevou enquanto o pânico subia pela minha espinha.

O vício em apostas do meu pai já havia causado problemas para ele antes — já havia causado problemas para *nós* antes —, mas essa era a primeira vez que a violência entrava em nossa casa.

“Eva, sinto muito”, sussurrou meu pai.

O homem que havia falado comigo antes deu uma risada cruel. “Você sente muito? Você deve um milhão de dólares ao Jed Carter, e tudo o que consegue dizer à sua filha é que sente muito?”

“Não temos tempo para isso”, retrucou o segundo homem.

O primeiro homem, de olhos cruéis, me olhou de cima a baixo, seu olhar ardente em minhas curvas. “Talvez a gente possa chegar a um acordo.”

“Quando o dinheiro deveria ser pago? Talvez... talvez eu possa ajudar a pagar?” Como se a comida, o aluguel e o transporte de ida e volta para a Universidade de Yorkfield, assim que o semestre começasse, já não me deixassem com apenas alguns reais para gastar todo mês. Minhas economias eram escassas — eu esperava consertar nosso aquecedor de água quando o tempo ficasse mais frio.

Os homens riram, com uma diversão maliciosa diante do meu desespero. “O prazo era há seis meses.”

Seis meses atrás foi quando... Minha mão voou para o meu rosto. Ah, não. Minha *cirurgia*. Ah, não.

Uma lembrança veio à tona: meu pai no hospital ao lado da minha cama, o rosto relaxado de alívio quando os médicos disseram que minha válvula cardíaca substituta havia funcionado. “Eu faria qualquer coisa por você, raio de sol”, ele disse.

Merda. *Merda!* A compreensão me atingiu como um soco no estômago. “Foi... ele gastou comigo”, eu ofeguei.

“Então parece que você precisa ajudar seu pai a pagar a dívida.”

Minha mente parou abruptamente, e o horror me atravessou, gelado e amargo, antes que eu o cortasse pela raiz. Talvez mais tarde eu me xingasse por não conseguir formular um pensamento coerente diante de tanta dívida, mas, por enquanto, precisava pensar em como resolver isso.

“Não”, gemeu meu pai. “Não, por favor, deixe ela fora disso. Eu tinha o dinheiro! Eu ia te pagar de volta, mas...” Ele olhou para mim, e seu olhar se suavizou. Por um momento, vi o homem que ele costumava ser — orgulhoso e forte, antes que a traição da minha mãe e minhas contas médicas o destruíssem. “Ela ficou doente.”

Quase sem pensar, o homem à esquerda deu um soco na barriga do meu pai. “Cala a boca, porra.”

“Parem!”, Eu gritei. “Soltem ele”, continuei em um tom mais calmo, preocupada que nós dois pagássemos pelo meu descontrole.

O homem da direita sorriu, e um calafrio percorreu meus ossos. “A gente ia deixar ele ir mesmo. Mas inteiro? Isso depende de você.”

Depende de mim.

Sempre dependeu de mim.

Uma vida inteira de momentos passou pela minha cabeça — não, isso era injusto.

Meu pai me deu *tudo* depois que minha mãe nos abandonou. Ele me ensinou a patinar no gelo, enxugou minhas lágrimas quando meu primeiro crush foi cruel comigo, me orientou durante minha primeira menstruação e, quando meu coração falhou pela segunda vez na vida, no meio do semestre no outono passado, ele conseguiu juntar dinheiro suficiente para uma cirurgia de coração aberto. De alguma forma.

Ele me salvou.

E agora, eu tinha que salvar ele.

“Tá bom”, sussurrei, esfregando as palmas das mãos suadas nas calças do pijama. “Tá bom.

Só me deixem pensar. Vou conseguir o dinheiro.”

O homem à esquerda cerrou a mandíbula enquanto uma veia latejava em sua testa. “Não há muitas maneiras de uma garota como você ganhar essa quantia de dinheiro rápido.”

Só havia uma maneira de uma garota como eu conseguir essa quantia de dinheiro rapidamente, mas eu não podia deixar meu pai morrer.

“Não”, disse o homem de olhar cruel. “O chefe não precisa de uma puta.” De repente, ele soltou meu pai, que caiu de joelhos no chão, soluçando baixinho enquanto os dois homens me examinavam. “Você é estudante?”

Assenti com a cabeça.

“O que você estuda?”

“Cinesiologia. Quero ser médica.”

“Medicina esportiva?”

Fiz que sim com a cabeça de novo, apavorada. Ele me olhou de cima a baixo, calculista, como se pudesse medir meu valor com um simples olhar, e então tirou o celular do bolso.

“Qual é o seu número de telefone?”

Mal conseguindo respirar de pânico, eu disse os números rapidamente. Um segundo depois, meu celular tocou no bolso.

“Me encontre nas coordenadas que enviei amanhã de manhã, às oito.” “Eu tenho trabalho...”

“Parece que eu dou a mínima?”

Não. Não parecia. Ele estava me oferecendo misericórdia, e eu precisava aproveitá-la. “Amanhã, às oito”, sussurrei.

O outro homem deu um último chute nas costelas do meu pai. “Preciso te dizer quais são as consequências de estragar tudo?”

Balancei a cabeça, tentando desesperadamente transmitir minha honestidade, minha confiabilidade, que eu não iria estragar tudo. Eu não poderia, não depois de tudo o que meu pai havia sacrificado.

“Que bom.”

O bater da porta ecoou no silêncio da noite, deixando meu pai e eu sozinhos em nossa casa.

“Pai?”

“Eva”, ele murmurou do chão, onde soluçava baixinho. “Sinto muito.”

Pisquei com força, tentando afastar as lágrimas dos meus olhos. “Não, a culpa não é sua”, sussurrei. *A culpa era minha*. Ajoelhei-me ao lado dele, examinando seus ferimentos com frieza clínica, mesmo com as mãos tremendo.

“Vai ficar tudo bem”, sussurrei, mais para mim mesma do que para ele.

“Eu vou consertar isso.

Vou consertar
tudo.” Eu
precisava.

O QUE SE VESTIA PARA IMPLORAR A UM BILIONÁRIO QUE PERDOASSE UMA DÍVIDA DE UM MILHÃO DE DÓLARES?

de dívida?

Fiquei do lado de fora dos portões da propriedade no subúrbio, ensaiando mentalmente o encontro, como se encontrar as palavras certas pudesse salvar aquele desastre. Passei as mãos pelo meu terno azul-marinho barato — muito apertado na bunda e muito justo para abotoar o paletó no peito —, mas meu uniforme de verão de sempre, short jeans e camiseta, não serviriam. Tudo na minha aparência tinha que estar perfeito hoje.

“Posso ajudar?” perguntou o segurança, mal erguendo os olhos de um tablet onde assistia a uma partida esportiva.

Endireitei a coluna e ergui o queixo. “Tenho um compromisso”, respondi, orgulhosa de como mantive a voz firme, apesar do terror que me consumia por dentro. Mas, quando ele perguntou com quem eu ia me encontrar, hesitei. Merda. “Sabe de uma coisa?”

de uma coisa? Eu ligo para ele.”

Minhas mãos tremiam tanto que deixei meu celular cair. Não. Eu não ia desmoronar. Eu conseguiria lidar com isso da mesma forma que sempre lidei com tudo.

Peguei meu celular, limpei a poeira de cascalho da tela o melhor que pude com a parte interna da minha jaqueta e disquei o número da noite passada.

“Alo?”

“É a Eva Jackson”, eu disse, me esforçando para manter uma voz profissional, apesar do meu coração acelerado. “Acho que você está me esperando.”

O silêncio tomou conta da linha e, quando olhei para o meu celular, meu coração afundou. Ele havia desligado. Minha compostura se desfez, mas, antes que eu pudesse tentar de novo, o portão se abriu.

“Fique na entrada da garagem”, disse o segurança, já voltando a prestar atenção no jogo.

O cascalho rangia sob meus sapatos baratos, as pedras se cravando nas solas finas a cada passo. O suor escorria pelo meu rosto sob o sol de verão, e eu estremei ao imaginar a imagem que eu faria ao chegar à porta: rosto vermelho, cabelo desganhado, uma bagunça total.

A casa era enorme — uma mansão, uma maldita propriedade nobre nos arredores de Yorkfield.

Respirei fundo para me encorajar, e depois mais uma vez, antes de puxar a bainha da minha jaqueta para endireitá-la. Peguei um lenço de papel na bolsa e fiz o possível para arrumar o rosto, feliz por ter usado pouca maquiagem.

A porta se abriu antes que eu pudesse bater, e os mesmos olhos cruéis da noite passada me encararam, tão assustadores agora, à luz do dia, quanto quando zombavam de nós em nossa sala de estar surrada.

Ele abriu a porta e fez um gesto para que eu entrasse. “Jedediah Carter está esperando por você.”

O terror percorreu minha espinha. Eu pensei... Eu não sabia o que tinha pensado. Talvez que eu fosse me encontrar com esse homem e não com um maldito

bilionário famoso por sua crueldade. O império de mídia esportiva de Jedediah Carter devorava atletas no café da manhã e depois os cuspiu, deixando-os

arruinados e desempregados. Seus aplicativos de apostas esportivas dominavam a App Store, e todas as equipes com as quais trabalhei suspeitavam que ele estava manipulando partidas para

aumentar seus lucros.

Em silêncio, segui atrás do homem enorme de olhos cruéis, sem conseguir esconder meu espanto com a imensa riqueza exibida na casa. Recordações esportivas ocupavam todo o hall de entrada: camisas autografadas, tacos de hóquei,

de hóquei, capas de revistas emolduradas com jogadores que eu não reconhecia. Uma parede de prêmios Emmy brilhava ao lado de fotos da Stanley Cup.

Meus olhos se estreitaram. Nenhuma foto do Frozen Four? O filho dele jogava pela Universidade de Yorkfield, mas não havia nenhum vestígio de itens colecionáveis da Yorkfield U.

O suor escorria pelas minhas costas, causando arrepios na minha pele enquanto evaporava sob o ar-condicionado gelado, trazendo-me de volta ao presente.

O homem abriu uma porta de madeira ornamentada, revelando uma sala extremamente moderna dominada por uma parede de telas, cada uma exibindo conteúdos diferentes: esportes, noticiários e cotações da bolsa.

“Entre”, ele murmurou.

Endireitei os ombros, me preparei, passei por ele e entrei na sala.

Um homem de terno caro estava diante da tela maior, assistindo a uma partida de futebol americano com intensa concentração, um telefone no ouvido.

“— não me importo com os direitos de streaming, apenas faça acontecer”, ele gritou em um dos telefones. “Diga a Singapura que atenderei a ligação deles daqui a uma hora.” Ele encerrou a ligação e se virou. “Por favor”, ele murmurou, apontando para uma cadeira em frente a uma mesa enorme. “Sente-se.”

Determinada a não demonstrar medo, sentei-me na cadeira. Ele deu a volta para o outro lado da mesa e se sentou, seus penetrantes olhos azuis me encarando com uma intensidade impressionante.

Obriguei-me a sentar-me com elegância, as costas retas e as mãos cruzadas no colo, o rosto cuidadosamente inexpressivo.

“Jedediah Carter”, ele se apresentou com uma confiança serena que me aterrorizou ainda mais do que a violência de seus soldados na noite anterior. “Você é Eva Jackson, e seu pai me deve um milhão de dólares.” Quando abri a boca para falar, ele ergueu a mão. “Não.”

Cravei as unhas nas palmas das mãos, usando a dor aguda para manter o foco. “Seu pai pegou trezentos mil emprestados comigo há um ano e rapidamente apostou tudo. Nove meses atrás, ele voltou para pedir mais quinhentos, e eu recusei.”

Mantive uma expressão neutra, embora meu mundo estivesse desmoronando. Meu pai tinha me dito que havia ganhado o dinheiro para pagar minha cirurgia. Ele disse que tinha pegado o dinheiro emprestado, jogado e *ganhado*. Apesar das revelações da noite passada, eu queria acreditar nele. Eu confiei nele. A vontade de gritar apertou minha garganta,

mas eu a engoli.

“Em vez disso, ele foi falar com os irlandeses. Gosto de fazer negócios com os irlandeses porque eles não são melindrosos com as mulheres, não como os malditos italianos. Hoje de manhã, me encontrei com Declan Flanagan e paguei aquela dívida. Depois, há três meses, ele foi até os russos e pediu emprestados mais duzentos. Eu comprei essa dívida também.” O sorriso dele nunca alcançava os olhos. “Eu sou dono de cada centavo que seu pai deve. E os juros.”

Uma notificação soou no celular dele. A mandíbula de Carter se contraiu ligeiramente antes que ele a relaxasse.

“Seu pai tem um histórico e tanto de fazer coisas desesperadas para cuidar da sua saúde, não é?” Seu olhar se fixou no meu peito, onde minha cicatriz estava escondida. Meus dedos se contraíram com a necessidade de cobri-la com a mão, mas não me mexi, com medo de demonstrar fraqueza, para que ele não partisse para o ataque final.

“Seu pai é um idiota do caralho”, continuou ele. “E você também é uma idiota do caralho por pensar que poderia entrar aqui e me convencer a fazer o quê? Te vender como prostituta para que você pudesse pagar a dívida?”

Pisquei, chocada.

O sorriso cruel de Carter se alargou. “Você achou que sua boceta valia tanto assim? Você é virgem, pelo menos?”

“Não”, respondi bruscamente, envergonhada, lutando para conter o calor que ameaçava deixar minhas bochechas rosadas.

“Mas aposto que seu pai daria qualquer coisa para garantir que eu não te jogasse para os lobos e deixasse que eles te destruíssem, não é?”

“Ele não tem dinheiro.” Eu não conseguia entender a enormidade da quantia de dinheiro que devíamos. Estávamos falidos, e já estávamos há algum tempo, mas eu não tinha percebido. Merda.

Olhei para Carter como se ele pudesse nos salvar. “Por favor, tem que ter um jeito.”

“Além de transar por Yorkfield inteira por mim?”

“Qualquer coisa”, sussurrei. “Por favor, não machuque meu pai de novo.” Meu estômago se revirou com a ideia de me prostituir, mas se era isso que seria necessário para salvar meu pai, então... Minha calma me abandonou por um segundo, meu coração acelerou e minha respiração ficou irregular.

Se controla, Eva.

Respirei fundo e me acalmei, caramba.

Carter estava sentado no canto da mesa, ainda me encarando de cima.

“Você não tem um milhão de dólares guardados para pagar a dívida dele, senão ele não teria pedido emprestado a mim, para começar.”

“Por favor, você não pode matar ele. Eu imploro”, eu disse, com o coração nos pés. Nunca me senti tão impotente em toda a minha vida.

Carter cantarolou enquanto se inclinava sobre a mesa e passava o dedo pelo meu pulso, seu toque seco fazendo o terror percorrer meu corpo. “Você está no curso preparatório de medicina, não é?”

“Sim”, respondi, enquanto meus instintos gritavam que algo estava errado. Eu estava deixando passar algo crucial.

“E você estagiou em um programa de atletismo no ano passado?”

Ele me manteve imóvel com aquele toque delicado, aquela carícia sutil, enquanto seus olhos se estreitavam pensativos, esperando minha resposta.

Quase nada. Eu tinha sido médica voluntária em competições esportivas femininas internas. “Sim”, sussurrei.

“Você se inscreveu no programa de trabalho-estudo este ano?” “Ainda não”, respondi. “As inscrições terminam na semana que vem.”

Ele franziu a testa. “Você vai se inscrever para vagas no time de hóquei”, disse ele com firmeza.

“Eu não sei nada sobre hóquei.”

“Você vai aprender”, afirmou ele, batendo o dedo com mais firmeza no dorso da minha mão, seu toque leve, mas não menos eficaz em me prender à mesa. “Você vai se inscrever para todas as vagas que puder.”

“Mas eu não sei se...”

“O diretor de atletismo me deve um favor. Você vai conseguir o emprego”, Carter me interrompeu, com um sorriso de tubarão predador.

Minha mente disparou, analisando e descartando possibilidades. “E por que exatamente você quer que eu trabalhe para o time de hóquei?”

“Você vai ser minha espiã. Quero informações: jogadores, jogadas, lesões, tudo.”

— E se eu recusar?

“Não seja burra. Vou matar seu pai. E, quando terminar com ele, vou matar você também.” Ele se inclinou para a frente, seus olhos fixos nos meus. “Mas você não vai recusar, vai? Porque você é uma boa filha. Você faria qualquer coisa para protegê-lo, assim como ele faria qualquer coisa para proteger você.”

O suor escorria pelas minhas costas, e minha camisa de poliéster não ajudava em nada.

Sim, eu faria qualquer coisa para proteger meu pai.

“Você não tem escolha”, continuou ele. “Minha querida filha, você não vai conseguir me pagar de volta piscando os olhos, nem mesmo deitando de costas.

Você vai trabalhar para mim. Vai espionar para mim. Quando eu quiser algo, você vai me dar. E, quando eu mandar você destruir a carreira de hóquei do meu filho...”

Meu celular apitou. Por instinto, estendi a mão para pegá-lo.

“Eu não faria isso”, disse Carter. O sorriso dele não se abalou, mas a ameaça era clara mesmo assim. Minha mente disparou, buscando e descartando alternativas à proposta dele. Se eu fosse pega, poderia perder tudo: minha bolsa de estudos, minha chance de entrar na faculdade de medicina, minha oportunidade de retribuir ao meu pai por todos os sacrifícios que ele fez por mim.

“E se eu for pega?”

Ele deu de ombros. “Não seja pega.” Depois de uma longa pausa, ele continuou: “Mas isso não é problema meu.” Ele me entregou um smartphone de marca genérica. “Meu número é o único salvo nele. Mantenha-o carregado com crédito pré-pago.”
pré-pago.” Ele sorriu, frio e satisfeito. “E, Eva? Se você contar a alguém sobre o nosso acordo — se alguém *descobrir* sobre o nosso acordo —, não só seu pai vai pagar o preço, como também vou entregar você aos meus homens para que a usem e abusem de você até que entenda o quão inútil sua boceta realmente é.”

ALEKSANDR

DMITRI

Você já escolheu seu assistente médico para este ano?

FIQUEI OLHANDO PARA O MEU CELULAR, SENTINDO UMA DOR AGUDA NO JOELHO. DEZESSEIS ANOS

de silêncio, interrompidos apenas pelas tentativas ocasionais de Dmitri de me arrastar de volta para a vida que eu havia recusado. Em vez disso, eu tinha ido embora. Escolhi o hóquei em vez da irmandade. Em vez da vingança.

Essa não foi a primeira tentativa do meu primo de entrar em contato comigo. Ele também havia feito isso durante o verão, forçando-me a aceitar um convite para o casamento de uma socialite — de um de seus amigos da máfia — para que eu fosse forçado a reconhecê-lo. Naquela época, tinha sido uma armadilha, e agora também era uma armadilha.

DMITRI

Dê uma segunda olhada nas

Eu já tinha dado. E uma terceira olhada. E uma quarta. Qualquer um desses alunos totalmente sem graça e intercambiáveis daria um bom assistente.

Mesmo assim, inclinei-me para a frente, sacudindo o mouse até que a tela do computador se iluminasse. Pouco depois, comecei a percorrer a lista de candidatos, mas acabei me afastando da mesa como se tivesse me queimado. Uma nova candidatura aparecia no topo da fila, adicionada após o prazo. Cliquei nela. Dion Hall, o diretor de atletismo, a havia adicionado

com uma observação: *Excelente desempenho acadêmico, experiência médica, recomendações excelentes — você vai gostar dela.*

“Eva Jackson.” *Blyat*. Olhei para a foto anexada à ficha de inscrição: os olhos verdes do pai dela me encaravam de um rosto em forma de coração, cercado por longos cachos ruivos que imploravam para que os dedos de um homem se enroscassem neles.

A filha de Conrad havia flutuado na periferia da minha consciência enquanto eu deixava minha sede de vingança se transformar em ódio gelado. Eu sabia que ela estava na Universidade de Yorkfield e que estava estagiando no programa de atletismo, mas, fora isso, eu ignorava a existência dela. De propósito.

Minhas mãos tremiam de raiva enquanto as lembranças me atingiam.

Conrad Jackson destruindo meu joelho com um cano de metal naquele estacionamento escuro.

O estalo do osso.

O silêncio dele enquanto eu gritava.

“Deveria ter ficado longe de resultados de hóquei que não te dizem respeito”, ele disse baixinho, com seu sotaque irlandês quase imperceptível.

Mas eu não consegui desviar o olhar. Eu tinha 22 anos, era burro e odiava a corrupção que envenenava o esporte que eu amava.

Os médicos disseram que eu nunca mais jogaria. Seis cirurgias e uma vida inteira de fisioterapia provaram que eles estavam errados, mas, a essa altura, minha chance na NHL já havia se esgotado. Em vez disso, eu me arrastei de volta para o trabalho de treinador universitário e construí uma nova vida para mim.

Quando implorei a Dmitri que me ajudasse a destruir Conrad Jackson, meu primo me deu um ultimato. “Só se você voltar para a Bratva.”

Mesmo assim, eu sabia que era um teste no qual eu deveria falhar. Se Dmitri realmente me quisesse, realmente me amasse como família, ele não teria me forçado a escolher. Mas eu nunca tinha sido o suficiente para ele — não era russo o suficiente, não era brutal o suficiente, não estava disposto o suficiente a desistir dos meus sonhos de algo além da violência.

Eu me conformei com uma vida de solidão. Meu primo, meu irmão em todos os aspectos que importavam, não me amava o suficiente, e as mulheres fugiam quando descobriam o que eu realmente queria: controle total, submissão completa. As que ficavam queriam a fantasia, não a realidade de pertencer a um homem violento e vingativo que precisava possuir cada pedacinho delas.

Eu odiava Dmitri por me lembrar da minha solidão, mas me odiava ainda mais por me entregar à emoção melancólica da carência.

Que jogo ele estava jogando? Dezesesseis anos se recusando a me ajudar

a destruir Conrad Jackson, me vendo lutar para me recuperar e

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Twisted Play Poppy Jacobson" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).